

Produtividade, eficiência e otimização: pesquisa sob a ótica do marketing de IA

Productivity, efficiency, and optimization: research through the lens of AI Marketing

Productividad, eficiencia y optimización: la investigación bajo la óptica del marketing de IA

Bruna Damiana Heinsfeld

University of Minnesota – Twin Cities (UMN), Minneapolis-Saint Paul/MN – EUA

<https://orcid.org/0000-0003-1824-7282>

bruna@umn.edu

Resumo

O rápido surgimento de ferramentas impulsionadas por IA que prometem “revolucionar” a pesquisa acadêmica introduziu novas concepções sobre o que significa desenvolver trabalhos acadêmicos. Essas plataformas, comercializadas como assistentes de pesquisa ou coautoras, promovem visões específicas de produtividade, eficiência e otimização que merecem um exame crítico. Este estudo investiga como tais perspectivas são construídas por meio dos discursos promocionais presentes nos sites de ferramentas de pesquisa baseadas em IA disponíveis ao público. Ao analisar os discursos utilizados para apresentar essas ferramentas, questiono: de que maneira os pesquisadores e seu ofício são retratados pelo marketing de IA, e quais pressupostos éticos e epistêmicos sustentam essas representações? Com base nos estudos críticos do discurso, examino como apelos à “eficiência”, à “acessibilidade” ou à “responsabilidade” são mobilizados para posicionar a IA como indispensável à pesquisa, ao mesmo tempo em que ocultam questões de poder, viés e dependência. A análise destaca as tensões entre a promessa de uma pesquisa democratizada e o reforço de lógicas tecnocapitalistas que reduzem a atividade acadêmica a resultados mensuráveis. Ao concentrar-se nos discursos de marketing, este estudo investiga como a IA está influenciando a própria compreensão do que é a pesquisa. Por fim, argumento que esses discursos promocionais não são neutros, mas participam ativamente da redefinição da ética e da prática da pesquisa educacional.

Palavras-chave: inteligência artificial (IA); análise crítica do discurso (ACD); tecnocapitalismo; capitalismo acadêmico; plataformação.

Abstract

The rapid emergence of AI-driven tools that promise to ‘revolutionize’ academic research has introduced new ideas of what it means to develop scholarly work. These platforms, marketed as research assistants or co-authors, promote particular visions of productivity, efficiency, and optimization that deserve critical scrutiny. This study investigates how such framings are constructed through the promotional discourses of publicly available AI research tools websites. By analyzing the discourses used to frame these tools, I ask: How are the researchers and their craft framed by AI marketing, and what ethical and epistemic assumptions underpin these framings? Drawing from critical discourse studies, I examine how appeals to ‘efficiency,’ ‘accessibility,’ or ‘responsibility’ are mobilized to position AI as indispensable for research, while simultaneously obscuring issues of power, bias, and dependency. The analysis highlights tensions between the promise of democratized research and the reinforcement of technocapitalist logics that reduce scholarship to measurable outputs. By focusing on marketing discourses, this study interrogates how AI is influencing understandings of research itself. Ultimately, I argue that these promotional discourses are not neutral but actively participate in redefining the ethics and practice of educational research.

Keywords: artificial intelligence (AI); critical discourse analysis (CDA); technocapitalism; academic capitalism; platformization.

Resumen

La rápida aparición de herramientas impulsadas por inteligencia artificial (IA) que prometen «revolucionar» la investigación académica ha introducido nuevas concepciones sobre lo que implica desarrollar trabajo académico. Estas plataformas, comercializadas como asistentes de investigación o coautores, promueven visiones particulares de productividad, eficiencia y optimización que merecen un análisis crítico. Este estudio investiga cómo se construyen tales enfoques a través de los discursos promocionales de los sitios web de herramientas de investigación basadas en IA disponibles al público. Al analizar los discursos empleados para presentar estas herramientas, planteo la siguiente pregunta: ¿cómo son representados los investigadores y su labor por el marketing de la IA, y qué supuestos éticos y epistémicos sustentan dichas representaciones? A partir de los estudios críticos del discurso, examino cómo se utilizan argumentos sobre «eficiencia», «accesibilidad» o «responsabilidad» para posicionar a la IA como un elemento indispensable para la investigación, ocultando al mismo tiempo cuestiones de poder, sesgo y dependencia. El análisis pone de relieve las tensiones entre la promesa de una investigación democratizada y el refuerzo de lógicas tecnocapitalistas que reducen la labor académica a resultados cuantificables. Al centrarse en los discursos de marketing, este estudio examina cómo la IA está influyendo en la propia concepción de la investigación. En última instancia, sostengo que estos discursos promocionales no son neutrales, sino que participan activamente en la redefinición de la ética y la práctica de la investigación educativa.

Palabras-clave: inteligencia artificial (IA); análisis crítico del discurso (ACD); tecnocapitalismo; capitalismo académico; platformización.

1 Assistentes de pesquisa com IA e a resignificação do trabalho acadêmico

A Inteligência Artificial (IA) deixou rapidamente de ser uma infraestrutura amplamente invisível que sustenta sistemas digitais para se tornar um participante cada vez mais visível no trabalho acadêmico. Nos últimos anos, surgiu um crescente ecossistema de plataformas alimentadas por IA, que prometem transformar o modo como a pesquisa é conduzida. Comercializadas como assistentes de pesquisa com IA, essas ferramentas afirmam apoiar pesquisa de literatura, análise de dados, síntese de evidências, redação de manuscritos e gerenciamento de citações com uma eficiência sem precedentes. No entanto, essas plataformas fazem mais do que introduzir novas funcionalidades; elas participam ativamente na formação de compreensões particulares do que significa fazer pesquisa.

Essa mudança é significativa devido às maneiras nas quais essas tecnologias enquadram a natureza da própria pesquisa. Em vez de apresentar a pesquisa como um processo interpretativo, iterativo e muitas vezes incerto, as plataformas de IA frequentemente a constroem como uma série de tarefas que podem ser agilizadas, otimizadas e, até certo ponto, automatizadas. Esse reenquadramento alinha-se a lógicas tecnocapitalistas mais amplas que priorizam eficiência, escalabilidade e produtividade em todos os setores do conhecimento (Suárez-Villa, 2009; Kellner, 2023). Como tal, o surgimento de ferramentas de pesquisa com IA levanta questões importantes não apenas sobre a capacidade tecnológica, mas também sobre como o trabalho acadêmico está sendo reformulado, reorganizado e reavaliado.

Estudos e pesquisas atuais de IA na educação concentram-se amplamente em questões como precisão, viés, autoria e integridade acadêmica (Balalle; Pannilage, 2025; Kumar *et al.*, 2024). Alguns estudos examinaram as implicações da escrita assistida por IA (Abdul-Jabbar; Bhatt, 2025; Kim *et al.*, 2024), os riscos das alucinações de informação (Adel; Alani, 2025) e os limites éticos do conteúdo gerado por máquina (Zhang *et al.*, 2026). Embora essas contribuições sejam essenciais, elas tendem a abordar a IA principalmente como uma ferramenta cujos efeitos podem ser avaliados em termos de resultados ou uso. Em contrapartida, abordagens críticas começam a situar a IA dentro de dinâmicas político-econômicas e sociotécnicas mais amplas, examinando como os sistemas de IA estão incorporados em lógicas de plataforma e extração de dados (Williamson; Macgilchrist; Potter, 2023).

Menos atenção tem sido dada à dimensão discursiva dessas tecnologias – especificamente, como as plataformas de pesquisa de IA são apresentadas, justificadas e

normalizadas por meio de seus próprios materiais promocionais. Essa lacuna é significativa porque os discursos de marketing não descrevem meramente ferramentas; eles moldam expectativas, constroem identidades de usuários e articulam visões particulares do que a pesquisa deve ser. No contexto da tecnologia educacional, tais discursos têm historicamente desempenhado um papel central no alinhamento das práticas pedagógicas e acadêmicas com agendas econômicas e tecnológicas mais amplas (Clark, 2024; Heinsfeld; Marone, 2023; Ideland; Serder, 2023). No entanto, as maneiras pelas quais as plataformas contemporâneas de IA enquadram a pesquisa – e as implicações desses enquadramentos para o trabalho acadêmico e a produção de conhecimento – permanecem pouco exploradas.

Este estudo, portanto, examina como as plataformas de pesquisa orientadas por IA constroem o trabalho acadêmico por meio de seu discurso de marketing. Em vez de avaliar o desempenho técnico desses sistemas, a análise se concentra em como a própria pesquisa é enquadrada nos discursos usados para promovê-los. Com base na análise crítica do discurso (ACD), o estudo investiga como as plataformas de pesquisa de IA articulam a relação entre tecnologia e pesquisa e como posicionam o pesquisador dentro dessa relação. Especificamente, ele pergunta: como os pesquisadores e seu ofício são enquadrados no marketing de IA e quais suposições éticas e epistêmicas sustentam esses enquadramentos?

Com foco em sites e materiais de plataformas disponíveis publicamente, a análise explora como temas como eficiência, acessibilidade e responsabilidade são mobilizados para posicionar a IA como indispensável à pesquisa. Ao interrogar esses discursos, o artigo argumenta que as ferramentas de pesquisa em IA não são simplesmente inovações neutras, mas atores discursivos que participam na formação de entendimentos contemporâneos de produção de conhecimento e na construção de novas expectativas sobre como a pesquisa deve ser conduzida e o que conta como uma prática acadêmica eficiente ou legítima. Ao fazê-lo, este estudo contribui para conversas críticas sobre as construções discursivas em torno da pesquisa contemporânea e o futuro do trabalho acadêmico, colocando em primeiro plano as dimensões performativas, políticas e ideológicas embutidas nas promessas aparentemente práticas da pesquisa assistida por IA.

2 Pesquisa como trabalho: tecnocapitalismo e produção de conhecimento

Estudos recentes sobre o uso da IA ilustram como essas tecnologias estão sendo posicionadas no processo de pesquisa. Estudos destacam que os sistemas de IA são cada vez mais utilizados para apoiar revisões de literatura, identificando e resumindo automaticamente

conceitos e temas-chave, bem como para gerar questões de pesquisa e sugerir novas linhas de investigação (Christou, 2023). Além disso, a IA é descrita como contribuindo para o desenvolvimento da teoria, analisando estruturas existentes e sugerindo a criação de novas abordagens. Uma dinâmica semelhante pode ser observada em discussões metodológicas emergentes que buscam conceituar a IA como parte do processo interpretativo, possibilitando novas formas de engajamento dialógico nas quais associações geradas por máquinas introduzem nuances ou contrastes que, de outra forma, poderiam permanecer inexplorados (Frieze, 2026).

Por outro lado, as discussões sobre IA na pesquisa propuseram formas mais críticas de participação com essas tecnologias. Em vez de posicionar a IA como um objeto singular de estudo ou como uma ferramenta direta a ser adotada, essas iniciativas convidam os pesquisadores a interrogarem como a IA é conceituada, experimentada e incorporada a práticas e estruturas de poder mais amplas, enfatizando o pluralismo metodológico (Costello *et al.*, 2025). Além disso, os estudiosos também propuseram práticas de verificação como uma intervenção acessível para mitigar os riscos associados aos produtos gerados por IA (Veletsianos, 2025). Em vez de rejeitar essas ferramentas de imediato, essas perspectivas enfatizam a necessidade de os pesquisadores avaliarem criticamente, validarem e comunicarem de forma transparente a confiabilidade das contribuições assistidas por IA. As visões críticas colocam em primeiro plano a multiplicidade de interpretações, usos e promulgações da IA e ressaltam a necessidade de examinar as condições sociais, culturais e epistêmicas sob as quais ela é integrada à pesquisa e ao ensino.

No entanto, essa literatura surge dentro de um cenário de pesquisa já influenciado pelas lógicas de otimização e solucionismo tecnológico. Mesmo os pedidos de pluralismo metodológico ou fundamentação humanística devem enfrentar um ambiente mais amplo no qual a IA é frequentemente comercializada como inevitável, necessária e inerentemente benéfica. A crescente integração da IA na pesquisa acadêmica não surge no vácuo. Em vez disso, baseia-se em transformações mais antigas que reformularam progressivamente a pesquisa como uma forma de trabalho governada por lógicas de produtividade, eficiência e produção mensurável. Estudiosos documentaram extensivamente como o trabalho acadêmico foi reformulado sob condições neoliberais, nas quais a produção de conhecimento está cada vez mais alinhada com valores orientados para o mercado e práticas gerenciais (Slaughter; Rhoades, 2004; Munch, 2014; Mula-Falcón; Caballero, 2022; Eren, 2025).

Dentro desse contexto, a pesquisa não é mais entendida como um intenso esforço intelectual, mas como uma forma de trabalho sujeita à otimização. A academia

contemporânea tem se caracterizado pela intensificação de pressões por produtividade constante. Espera-se que acadêmicos produzam continuamente, com agenciamentos métricos como mecanismos centrais de avaliação do valor acadêmico (Gill, 2009; Burrows, 2012; Mula-Falcón; Caballero, 2022). Tais dinâmicas estão intimamente ligadas a processos mais amplos do capitalismo acadêmico, por meio dos quais as universidades operam cada vez mais de acordo com as lógicas de mercado, priorizando a eficiência, a competição e a geração de receita (Slaughter; Rhoades, 2004; Munch, 2014; Eren, 2025). Nesse contexto, a pesquisa posiciona-se como uma atividade produtiva que deve ser continuamente acelerada, otimizada e tornada visível por meio de resultados quantificáveis. A ênfase na velocidade – publicar mais rápido, processar mais dados, revisar mais literatura – torna-se uma característica fundante do trabalho acadêmico contemporâneo.

Essas dinâmicas precedem o surgimento de ferramentas de pesquisa orientadas por IA. O enquadramento da pesquisa como um fluxo de trabalho a ser agilizado e otimizado vem se desenvolvendo ao longo de décadas por meio de processos de governança gerencial, metrização e digitalização (Mula-Falcón; Caballero, 2022; Eren, 2025). O que a IA introduz não é uma nova lógica, mas sim uma intensificação de racionalidades existentes. Ao prometer automação, as plataformas de pesquisa com IA amplificam a expectativa de que o trabalho acadêmico pode – e deve – ser realizado de forma mais eficiente e com maior velocidade. Nesse sentido, a IA não se limita a apoiar práticas de pesquisa; ela reforça e amplia uma orientação epistêmica e institucional mais ampla em direção à otimização. Tarefas que antes eram entendidas como inerentemente interpretativas, demoradas e iterativas – como leitura, codificação ou redação – são cada vez mais descritas como processos que podem ser acelerados por meio de assistência computacional.

Essa orientação para a otimização é ainda esclarecida quando situada dentro da dinâmica mais ampla do tecnocapitalismo, um sistema no qual a inovação tecnológica e a produção de conhecimento estão cada vez mais subordinadas aos imperativos capitalistas de acumulação e controle (Suárez-Villa, 2009; Kellner, 2023). Dentro dessa estrutura, o próprio conhecimento se torna um local central de valor econômico e os processos de inovação são orientados para a eficiência, escalabilidade e expansão do mercado. A incorporação da IA nas práticas de pesquisa pode ser entendida como parte dessa mudança mais ampla, em que as atividades acadêmicas são cada vez mais mediadas por plataformas que prometem aumentar a produtividade enquanto incorporam usuários em ecossistemas tecnológicos proprietários. Essa perspectiva se alinha com a ascensão do capitalismo de plataforma, na qual as plataformas digitais atuam como intermediárias que organizam, extraem e monetizam

dados gerados por meio da atividade do usuário (Srnicek, 2017; Gilbert, 2024). As ferramentas de pesquisa com IA podem ser situadas dentro desse modelo como plataformas emergentes que medeiam a produção de conhecimento. Ao se posicionarem como infraestruturas essenciais, essas ferramentas não se limitam a auxiliar pesquisadores; elas buscam se inserir nos fluxos de trabalho centrais da prática acadêmica. Ao fazê-lo, contribuem para a plataformização da pesquisa, na qual o trabalho acadêmico é cada vez mais conduzido através – e dependente – de sistemas digitais que estruturam como o conhecimento é acessado, processado e produzido.

3 Abordagem metodológica

Este estudo adota a análise crítica do discurso (ACD) para examinar como as plataformas de pesquisa orientadas por IA constroem ideias particulares de trabalho acadêmico por meio de sua linguagem promocional, abordando a seguinte questão de pesquisa: como os pesquisadores e seu ofício são enquadrados pelo marketing de IA e quais pressupostos éticos e epistêmicos sustentam esses enquadramentos? A ACD é particularmente adequada para investigar como a linguagem participa da produção e normalização das relações de poder, ideologias e práticas sociais (Fairclough, 2010). Em vez de tratar o discurso como meramente descritivo, a ACD aborda a linguagem como uma prática social que reflete e molda estruturas socioeconômicas e institucionais mais amplas. No contexto da tecnologia educacional, tal abordagem permite um exame crítico de como as soluções tecnológicas são enquadradas, legitimadas e normalizadas dentro dos ambientes acadêmicos.

3.1 Coleta de dados

O conjunto de dados consiste nas páginas iniciais de dez plataformas de pesquisa com IA amplamente divulgadas: Elicit, Sparkdoc, Consensus, Semantic Scholar, ResearchRabbit, Gatsby, SciSpace, Perplexity AI, AnswerThis e Paperguide. A página inicial foi selecionada como unidade primária de análise porque funciona como o principal ponto de entrada para usuários em potencial. Nas plataformas digitais, a página inicial é estrategicamente projetada para comunicar a proposta de valor central de um produto, destacar suas afirmações mais persuasivas e enquadrar como os usuários em potencial devem entender as capacidades e benefícios da ferramenta (Marone; Heinsfeld, 2023). Como tal, representa o local mais concentrado do discurso de marketing e fornece uma visão de como

essas plataformas se posicionam dentro do ecossistema de pesquisa acadêmica.

Embora exista um ecossistema mais amplo de ferramentas com IA – incluindo plataformas focadas em análise qualitativa de dados, assistência de codificação ou aprimoramento de escrita (por exemplo, ferramentas de correção de gramática e estilo) – este estudo se concentra deliberadamente em plataformas que são explicitamente comercializadas como assistentes de pesquisa para o público acadêmico, muitas vezes apoiando vários estágios do processo de pesquisa. O foco nessas plataformas mais amplas permite que a análise capture como a IA é construída discursivamente não apenas como uma ferramenta, mas como uma infraestrutura transformadora para a produção de conhecimento.

Para garantir a consistência no conjunto de dados, capturas de tela da página inicial de cada plataforma foram tiradas no dia 13 de março de 2026. Capturar as páginas simultaneamente minimiza a variação temporal nas mensagens promocionais e garante que a análise reflita um instantâneo coerente de como essas ferramentas estão sendo comercializadas atualmente. As capturas de tela servem como o corpus textual primário para análise, permitindo um exame minucioso de manchetes, slogans, descrições de recursos e outras linguagens promocionais apresentadas a usuários em potencial.

3.2 Procedimento analítico

A análise baseia-se especificamente no modelo tridimensional de Fairclough (2010), que conceitua o discurso como operando simultaneamente em três níveis interligados: (1) o nível textual, com foco em características linguísticas e retóricas; (2) o nível da prática discursiva, examinando como os textos são produzidos, circulados e consumidos; e (3) o nível da prática social, situando o discurso dentro de contextos ideológicos, econômicos e institucionais mais amplos. Essa estrutura permite um exame em várias camadas de como as plataformas de pesquisa com IA enquadram o trabalho acadêmico, a produtividade e a produção de conhecimento.

No nível textual, a análise se concentra no vocabulário, metáforas, descritores carregados de valores e estratégias retóricas usadas para promover essas ferramentas. Atenção especial é dada a termos recorrentes como *eficiência*, *aceleração*, *descoberta*, *insight*, *produtividade*, e *automação*, bem como às formas como os pesquisadores se posicionam dentro desses discursos. No nível da prática discursiva, o estudo examina como esses textos funcionam como discursos de marketing dentro do ecossistema em rápida expansão de ferramentas acadêmicas dirigidas por IA. Por fim, ao nível da prática social, a análise situa esses discursos mercadológicos dentro de transformações mais amplas no ensino superior e

na produção de conhecimento. Os discursos identificados são interpretados em relação às mudanças em curso em direção à datificação, métricas de produtividade e lógicas tecnocapitalistas que cada vez mais enquadram o trabalho acadêmico como um processo a ser otimizado e acelerado. Por meio dessa análise em camadas, o estudo busca iluminar como o discurso promocional das ferramentas de pesquisa em IA contribui para redefinir não apenas como a pesquisa é conduzida, mas também como o papel do próprio pesquisador é compreendido.

4 Análise e interpretações

Nas dez plataformas analisadas, o discurso mercadológico converge em torno de quatro temas inter-relacionados que reestruturam coletivamente a natureza do trabalho acadêmico. Primeiro, a pesquisa é enquadrada como um problema de velocidade, no qual a aceleração se torna uma virtude central e as práticas que demandam um tempo maior são posicionadas como ineficiências a serem superadas. Em segundo lugar, a investigação acadêmica é reconfigurada como um fluxo de trabalho estruturado, decomposto em tarefas discretas e automatizáveis que podem ser executadas por meio de interfaces de plataforma. Terceiro, o pesquisador é construído como um usuário sobrecarregado e subinformado que precisa de orientação, simplificação e apoio, legitimando assim a intervenção dos sistemas de IA. Por fim, essas ferramentas são apresentadas como ecossistemas abrangentes, avançando na plataforma da pesquisa, absorvendo múltiplos estágios de produção de conhecimento em ambientes unificados. Coletivamente, esses temas sugerem que o marketing de IA não apenas promove ferramentas para apoiar a pesquisa, mas participa ativamente da redefinição do que é pesquisa, como ela deve ser conduzida e quem é o pesquisador dentro desse cenário em evolução. Nas seções que se seguem, cada um desses temas é examinado detalhadamente.

4.1 Aceleração como lógica dominante

Um dos temas recorrentes mais fortes em todas as plataformas é a construção da pesquisa como muito lenta, muito incômoda ou muito trabalhosa e, portanto, necessitando de aceleração. Os trechos abaixo apresentam exemplos ilustrativos desse tema extraídos do *corpus* mais amplo. O itálico foi aplicado às citações diretas para enfatizar elementos-chave do texto original.

[1] *50% de aumento na produtividade* de pesquisa (AnswerThis)

[2] *Precisamos nos mover rapidamente*, sem sacrificar a qualidade. Nossa pesquisa

precisa ser *mais dinâmica para permanecer relevante em um mundo em rápida transformação* (Elicit)

[3] Transforme dias de revisão de literatura em *poucos minutos* (Consensus)

[4] *Acelere* sua pesquisa com precisão e facilidade (Paperguide)¹

O discurso entre plataformas é estruturado em torno de um campo semântico altamente consistente, centrado na velocidade, compressão do tempo e aumento da produtividade. Itens lexicais recorrentes como *acelere, mais rápido, instantâneo, minutos, economia de tempo*, e *produtividade* formam um vocabulário fortemente agrupado que redefine a pesquisa como um problema temporal a ser otimizado. Estes termos são acompanhados por verbos de transformação e intensificação – *supercarregue, acelere, transforme* – que não sugerem melhorias incrementais, mas mudanças qualitativas no ritmo e no desempenho. Os contrastes temporais desempenham um papel retórico particularmente importante, com frases como “semanas” versus “minutos” ou “dias” versus “poucos minutos” comprimindo a duração da pesquisa em escalas de tempo drasticamente reduzidas. Paralelamente, as estratégias de quantificação – “50% de aumento de 50% na produtividade da pesquisa”, “80% de economia de tempo” – conferem uma aparência de precisão e mensurabilidade a essas afirmações, reforçando sua credibilidade. Construções imperativas e promissórias (“Diga alô para mais tempo”, “Acelere sua pesquisa”, “Obtenha *insights* instantâneos em artigos”) posicionam o usuário como agente e beneficiário dessa aceleração, ao mesmo tempo em que enquadram o tempo não como uma condição de investigação, mas como uma ineficiência a ser eliminada.

Esses padrões linguísticos operam como uma lógica de marketing compartilhada que normaliza a aceleração como necessária e desejável dentro do trabalho acadêmico. Apesar das diferenças de funcionalidade, as plataformas convergem para uma narrativa comum: a pesquisa é muito lenta e IA é o mecanismo pelo qual ela pode – e deve – ser acelerada. A repetição de verbos e enquadramentos temporais semelhantes entre plataformas não sugere escolhas de design isoladas, mas um discurso estabilizado circulando dentro de um ecossistema competitivo de ferramentas de pesquisa com IA. É importante ressaltar que essa aceleração raramente é apresentada isoladamente; é repetidamente combinada com garantias de qualidade, precisão ou rigor (“sem sacrificar a qualidade”, “com precisão e facilidade”, “confiável”). Esse acoplamento funciona retoricamente para antecipar a crítica,

¹ Traduzido do original: [1] *50% increase in research productivity* (AnswerThis); [2] *We need to move quickly, without sacrificing quality. Our research needs to be more dynamic to stay relevant in a rapidly-changing world* (Elicit); [3] *Turn days of literature review into a few minutes* (Consensus); [4] *Speed up your research with accuracy and ease* (Paperguide).

resolvendo a tensão potencial entre velocidade e cuidado epistêmico antes que ela possa emergir. Ao fazerem isso, essas plataformas se posicionam não apenas como ferramentas que auxiliam a pesquisa, mas como infraestruturas que redefinem seu ritmo esperado e seus padrões de desempenho.

4.2 Lógica processual, fluxo de trabalho automatizável

Um segundo tema dominante é a transformação da pesquisa em um fluxo de trabalho estruturado, composto por tarefas discretas e automatizáveis. Essa mudança rearticula a atividade acadêmica como uma lógica processual, no qual a produção de conhecimento é enquadrada como uma sequência de operações simples, gerenciáveis e otimizáveis.

[5] Resultados de pesquisa em *3 passos simples* (AnswerThis)

[6] Domine sua pesquisa com *cliques simples* (Gatsby)

[7] Aproveite *sem esforço* organização e *automação* do seu conteúdo (Sparkdoc)

[8] Transforme todo o processo de revisão de literatura em uma experiência *agilizada* e divertida (Research Rabbit)²

O discurso compartilhado pelas plataformas é organizado em torno da ideia de otimização, simplificação e automação de processos. Itens lexicais recorrentes como *fluxo de trabalho*, *processo*, *passos*, *agilize*, *simplifique*, *organize*, e *automação* sinalizam uma reconfiguração da pesquisa em unidades estruturadas, procedimentais. Esses itens são reforçados por verbos que implicam uma redução de complexidade e esforço, junto a advérbios que enfatizam facilidade e ausência de atrito, como *sem esforço*, *automaticamente*, *rápido*, *fácil*. Chamando atenção em especial são as formulações que comprimem a pesquisa em sequências discretas e acionáveis, como “3 etapas simples” ou “geração com um clique”, que transformam linguisticamente o trabalho acadêmico em comandos executáveis. A recorrência de “um clique”, “rascunhos automáticas” e “extrair automaticamente” reforça ainda mais uma gramática de imediatismo e delegação, na qual a ação é deslocada do pesquisador para o sistema. Nesse enquadramento, a complexidade não é engajada, mas removida, e o trabalho intelectual é reformulado como algo que pode ser operacionalizado por meio de interações de interface.

² Traduzido do original: [5] Research results in *3 simple steps* (AnswerThis); [6] Master your research with *simple clicks* (Gatsby); [7] Enjoy *effortless* organization and *automation* of your content (Sparkdoc); [8] Transform the entire literature review process into a *streamlined* and joyful experience (Research Rabbit).

Esses padrões linguísticos contribuem para uma rearticulação mais ampla da pesquisa como um fluxo de trabalho padronizado que pode ser otimizado, gerenciado e cada vez mais delegado aos sistemas de IA. Através das plataformas, há uma clara convergência na forma como a atividade acadêmica é representada: não como um processo situado, iterativo e interpretativo, mas como uma sequência de tarefas que podem ser modularizadas e melhoradas através da intervenção tecnológica. A repetição de termos como “fluxo de trabalho”, “processo” e “etapas” entre plataformas sugere a estabilização de um discurso compartilhado no qual a pesquisa torna-se legível como um sistema de inputs e outputs. Esse enquadramento é crucial para a lógica de marketing dessas ferramentas: uma vez que a pesquisa é decomposta em operações discretas – pesquisar, extrair, organizar, escrever – torna-se possível posicionar cada operação como algo que pode ser automatizado, acelerado ou aprimorado pela IA. Nesse sentido, o discurso não descreve simplesmente as práticas de pesquisa; ele as reestrutura ativamente de maneira que a intervenção da plataforma pareça natural e necessária.

4.3 Sobrecarregado, atarefado e pouco informado

Um terceiro tema altamente recorrente diz respeito às posições de sujeito oferecidas ao pesquisador e à IA. Em todas as plataformas, os pesquisadores são repetidamente enquadrados como sobrecarregados, atarefados, pouco informados ou necessitando de orientação algorítmica. Esse enquadramento constrói o trabalho acadêmico não apenas como complexo, mas como cada vez mais incontrolável sem intervenção tecnológica.

[9] Torne *dias longos* em uma brisa com a ajuda de Sparkdoc (Sparkdoc)

[10] E se a pesquisa pudesse parecer mais como uma descoberta e menos como uma *labuta destruidora de almas*? (Research Rabbit)

[11] Fique em pé *nos ombros de gigantes* (Elicit)

[12] Elimine *o bloqueio de escritor* gerando rascunhos completos construídos em suas referências e seu banco de dados acadêmico (PapersGuide)³

Esse discurso é estruturado por meio de um padrão lexical dual que simultaneamente problematiza o pesquisador e eleva a IA como solução. Por um lado, os pesquisadores estão

³ Traduzido do original: [9] Turn *long days* into a breeze with the help of Sparkdoc (Sparkdoc); [10] What if exploring research could feel more like discovery, and less like *soul-crushing drudgery*? (Research Rabbit); [11] Stand on *the shoulders of giants* (Elicit); [12] Eliminate *writer's block* by generating complete drafts built on your references and scholarly database (PapersGuide).

associados a expressões que sinalizam cansaço cognitivo e afetivo: *sobrecarregado, dias longos, área de trabalho bagunçada, labuta destruidora de almas, desafio cada vez mais premente*, ou estar “atolado em revisões de literatura”. Essas formulações constroem a pesquisa como excessiva, exaustiva e de difícil navegação. Por outro lado, a IA é descrita por meio de um conjunto contrastante de verbos e frases avaliativas que prometem aprimoramento e correção: *entenda, descubra, melhore, elimine, ajude, fique por dentro, escale com confiança, escreva de forma mais inteligente, pense melhor*. Expressões superlativas e intensificadoras – “10x mais baseado em evidências”, “entenda um artigo de relance”, “elimine o bloqueio de escritor” – posicionam ainda mais a IA como amplificadora das capacidades cognitivas humanas. A linguagem metafórica também desempenha um papel fundamental, como em “fique em pé nos ombros de gigantes” ou “dê à sua escrita uma faísca”, que atribui simbolicamente o aumento intelectual ao sistema. Juntas, essas escolhas lexicais produzem uma estrutura contrastiva na qual o pesquisador aparece como carente, e a IA aparece como a entidade que restaura competência, clareza e controle.

Esse padrão contribui para a construção de uma subjetividade deficitária, na qual o pesquisador posiciona-se como insuficiente diante da produção contemporânea de conhecimento. A rápida expansão da literatura científica é repetidamente invocada como um problema que excede a capacidade humana, legitimando assim a necessidade de mediação algorítmica. Nesse contexto, a IA não é simplesmente apresentada como uma ferramenta útil, mas como um parceiro cognitivo necessário que permite que os pesquisadores permaneçam competentes, relevantes e produtivos. É importante ressaltar que esse discurso também ressignifica a expertise: o pesquisador habilidoso não é mais aquele que lê extensivamente, sintetiza profundamente ou se envolve criticamente com a incerteza, mas aquele que pode alavancar eficientemente a IA para “entender”, “descobrir” e “produzir” conhecimento. A repetição desse enquadramento entre plataformas sugere uma mudança discursiva mais ampla, na qual a autoridade acadêmica se torna cada vez mais ligada ao uso efetivo de sistemas de IA.

4.4 Plataformização do trabalho acadêmico

Um quarto tema recorrente diz respeito ao posicionamento dessas plataformas não apenas como ferramentas, mas como definidores de como deve ser a pesquisa. Em vez de simplesmente apoiar práticas existentes, esses sistemas articulam uma maneira “nova” e “melhor” de fazer pesquisa, apresentando-se como referências contra as quais o trabalho acadêmico deve ser medido.

[13] Além da escrita, Gatsby inaugura *inovação em pesquisa* (Gatsby)

[14] Escreva seu primeiro trabalho conosco, e *nunca olhe para trás* (Sparkdoc)

[15] O *novo padrão* para pesquisa acadêmica (Consensus)

[16] Juntos, estamos construindo *uma maneira melhor de fazer pesquisa* (Research Rabbit)⁴

Esse discurso estrutura-se por meio da articulação de uma nova visão normativa do que deve ser a pesquisa, buscando ativamente redefinir a prática acadêmica. O uso recorrente de termos avaliativos – *novo, melhor, inovação, padrão* – posiciona essas plataformas como marcadores de progresso, implicitamente retratando modos anteriores de pesquisa como desatualizados, ineficientes ou insuficientes. Formulações imperativas e orientadas para o futuro reforçam ainda mais um senso de transição, sugerindo uma mudança em direção a um modelo diferente de trabalho acadêmico. Paralelamente, as referências a ambientes integrados, nos quais os usuários podem passar da ideação para a escrita, síntese e análise dentro de um único sistema – como “tudo em um só lugar” e “plataforma de ponta a ponta” – contribuem para enquadrar a pesquisa como uma atividade que se desdobra dentro desses espaços definidos pela plataforma. Ao todo, essas escolhas linguísticas constroem não apenas um conjunto de ferramentas, mas uma visão reconfigurada do trabalho acadêmico alinhado com práticas mediadas por plataformas.

Essas representações contribuem para a normalização de infraestruturas de pesquisa baseadas em plataformas, nas quais a atividade acadêmica é cada vez mais mediada por ambientes digitais integrados. A ênfase na uniformidade – “lidar com tarefas diárias de pesquisa”, “fluxo de trabalho” – reduz a visibilidade das transições entre os estágios da pesquisa, pondo em colapso o que antes eram práticas distintas (pesquisar, ler, analisar, escrever) em um fluxo contínuo gerenciado pela plataforma. Nessa configuração, o valor da plataforma reside não apenas na execução de tarefas, mas na orquestração de todo o processo de pesquisa, posicionando-se como interface primária entre o pesquisador e a produção de conhecimento. Isso também introduz formas sutis de aprisionamento: declarações como “nunca olhe para trás” ou “a pesquisa começa aqui” sugerem que, uma vez dentro do sistema, há pouca razão para operar fora dele. Com isso, a plataforma se torna não apenas uma estrutura de apoio, mas uma condição infraestrutural para a realização de pesquisas.

⁴ Traduzido do original: [13] Beyond writing, Gatsby sparks *research innovation* (Gatsby); [14] Write your first paper with us, and *never look back* (Sparkdoc); [15] The *new standard* for academic research (Consensus); [16] Together, we’re building *a better way to do research* (Research Rabbit).

5 A economia política da pesquisa mediada por IA

Embora uma análise semântica ou retórica pudesse ter identificado padrões linguísticos recorrentes e estratégias promocionais, a ADC permitiu que este estudo examinasse como esses discursos constroem entendimentos mais amplos de pesquisa, trabalho acadêmico e produtividade acadêmica. Essa abordagem permitiu que a análise ultrapassasse os recursos textuais e interrogasse como os pressupostos relacionados à eficiência, otimização e ao papel do pesquisador normalizaram-se e legitimaram-se dentro de contextos tecnocapitalistas mais amplos que moldam o trabalho acadêmico contemporâneo.

Tomados em conjunto, os quatro temas apresentados indicam que o discurso promocional das plataformas de pesquisa em IA não simplesmente descreve ferramentas; participa ativamente da reformulação das condições sob as quais o trabalho acadêmico é compreendido e realizado. Em todo o corpus, a pesquisa é reconfigurada como acelerada, reconfigurada em termos de um processo e cada vez mais mediada por plataformas, enquanto o pesquisador é posicionado como sobrecarregado e necessitado de reforço. Esses padrões não são incidentais. Eles se alinham estreitamente com transformações mais amplas associadas ao tecnocapitalismo e ao capitalismo acadêmico, no qual a produção de conhecimento é cada vez mais organizada em torno de métricas, eficiência e escalabilidade (Chubb; Cowling; Reed, 2022). Nesse contexto, a IA não oferece simplesmente um aprimoramento neutro das práticas de pesquisa, mas se enreda com as pressões existentes para produzir mais, mais rápido e com maior visibilidade.

A ênfase na velocidade, otimização e fluxo de trabalho reflete uma cultura acadêmica mais ampla, estruturada pela intensificação da concorrência, avaliação de desempenho e produção contínua de resultados. Nesse contexto, a representação recorrente de pesquisadores como sobrecarregados – enfrentando “desafios cada vez mais prementes” e expandindo corpos de literatura – não é meramente retórica. Reflete condições estruturais mais amplas em que o trabalho acadêmico é cada vez mais regido por lógicas de eficiência, produtividade e visibilidade performativa. No entanto, as ‘soluções’ oferecidas por essas plataformas – automação, aceleração e delegação – não abordam a raiz dessa condição. Em vez disso, correm o risco de aprofundá-la. Ao possibilitar ciclos de produção mais rápidos, essas ferramentas contribuem para transformar o trabalho acadêmico em algo mais próximo de uma linha de produção, no qual os ganhos de eficiência são rapidamente absorvidos em expectativas crescentes de produção. O que se apresenta como alívio da sobrecarga pode, na prática, reforçar o próprio sistema que a produz: um ciclo de feedback no qual a automação sustenta e intensifica a demanda por produtividade constante.

Essa dinâmica é reforçada ainda mais pelas formas como essas plataformas quantificam e divulgam seu alcance e impacto. Nos materiais analisados, as plataformas colocam repetidamente em primeiro plano métricas de grande escala: “mais de 500 mil revisões de literatura elaboradas” (AnswerThis), “5 milhões de pesquisadores” (Elicit), “10 milhões de usuários” (Consensus), “com a confiança de mais de 1 milhão de pesquisadores em todo o mundo” (Research Rabbit) ou “mais de 60.000 instituições” (SciSpace). Esses números funcionam como marcadores de legitimidade e inevitabilidade. Ao enfatizar escala, adoção e difusão institucional, as plataformas se posicionam como já inseridas no tecido da vida acadêmica. Isso produz uma sutil pressão normativa: se milhões de pesquisadores já estão usando esses sistemas, a participação se torna não apenas vantajosa, mas esperada. Ao mesmo tempo, essas métricas refletem um alinhamento mais profundo com valores tecnocapitalistas, em que o sucesso é medido através do crescimento, alcance e volume, uma lógica que fica desconfortável com entendimentos da pesquisa como uma prática fundamentada em profundidade, crítica e cuidado intelectual.

Do ponto de vista epistêmico, esses desdobramentos suscitam preocupações importantes. Como a análise sugere, a pesquisa é cada vez mais enquadrada como algo que pode ser decomposto em tarefas, acelerado e executado dentro de ambientes de plataforma. Essa reconfiguração corre o risco de privilegiar formas de produção de conhecimento compatíveis com a automação – resumíveis, extraíveis e escaláveis – enquanto marginaliza formas de investigação que exigem engajamento sustentado, ambiguidade e profundidade interpretativa. Além disso, à medida que essas plataformas se expandem para abranger múltiplos estágios de pesquisa – da ideação à escrita – elas começam a mediar não apenas como o conhecimento é acessado, mas também como ele é estruturado, sintetizado e apresentado. Nesse sentido, a IA não se limita a apoiar a pesquisa; ela participa da formação de seus limites epistêmicos.

Eticamente, essas preocupações são amplificadas pela opacidade dos próprios sistemas. Como vários estudiosos observaram, os modelos de IA operam como sistemas de caixa preta, dificultando a avaliação de como seus produtos são gerados, quais fontes são priorizadas e quais vieses são incorporados em seus dados de treinamento (BaHammam, 2023; Cruz-Aguilar, 2026; Madanchian; Taherdoost, 2025). Dentro do discurso promocional aqui analisado, essa opacidade está em grande parte ausente. Em vez disso, as plataformas são enquadradas como confiáveis, transparentes e apoiadas por citações, sugerindo que a confiança epistêmica pode ser garantida por meio de indicadores de nível superficial, como referências ou saídas estruturadas. Esse enquadramento corre o risco de obscurecer questões

mais profundas sobre autoridade epistêmica, responsabilidade e dependência, particularmente à medida que os pesquisadores dependem cada vez mais de sistemas cujas operações internas permanecem inacessíveis.

Esse discurso ressoa com formas de solucionismo tecnológico que enquadram a IA como um meio de libertar os pesquisadores dos encargos percebidos do trabalho acadêmico tradicional. Ao fazê-lo, introduz um *trade-off* implícito: a delegação parcial de agência analítica e interpretativa em troca de velocidade e eficiência. A adoção da IA posiciona-se, assim, como uma mudança progressiva, atualizando modos de investigação mais lentos e que demandem maior mão-de-obra – particularmente aqueles associados a tradições qualitativas, que correm o risco de serem reformulados como desatualizados ou excessivamente onerosos – em direção a um modelo de pesquisa alinhado ao imediatismo e à automação (Paulus; Marone, 2025).

É importante ressaltar que essa mudança também redefine o papel do pesquisador. Como a análise indica, os acadêmicos são reposicionados menos como intérpretes primários do conhecimento e mais como gerentes de fluxos de trabalho e curadores dos produtos geradas pela IA. A interpretação torna-se, pelo menos parcialmente, um processo de seleção, validação e montagem de conteúdo gerado por máquina. Essa redistribuição do trabalho epistêmico levanta questões fundamentais sobre a autoria e a natureza do trabalho intelectual. O que significa ‘saber’ em um contexto em que o significado é cada vez mais coproduzido com sistemas treinados em dados anteriores? E o que se perde quando as dimensões lentas, incertas e situadas da pesquisa são ressignificadas como ineficiências a serem otimizadas?

Essas tensões ressaltam ainda mais a necessidade de situar a IA não apenas como uma ferramenta metodológica, mas como parte de sistemas políticos, econômicos e discursivos mais amplos que moldam o trabalho acadêmico contemporâneo. A integração da IA na pesquisa reflete e amplia as mesmas lógicas de otimização, aceleração e escalabilidade que caracterizam as transformações tecnocapitalistas do trabalho acadêmico. As plataformas examinadas neste estudo operam nesse terreno, como parte de uma reconfiguração mais ampla do trabalho acadêmico e da produção de conhecimento nessas condições. A promessa de eficiência, acessibilidade e escalabilidade é real, mas também são reais os riscos de padronização, dependência, estreitamento epistêmico e intensificação das pressões de produção. Como tal, envolver-se criticamente com esses sistemas requer ir além das questões de funcionalidade para considerar como eles remodelam não apenas como a pesquisa é feita, mas o que a pesquisa é e o que ela pode se tornar.

6 Futuros da pesquisa à venda

A análise apresentada neste estudo sugere que as plataformas de pesquisa de IA não respondem meramente às necessidades em evolução dos pesquisadores; elas participam ativamente da construção de uma visão particular do que é pesquisa e do que ela deve tornar-se. Em todas as plataformas, a pesquisa é repetidamente enquadrada como um processo oneroso, demorado e que precisa ser otimizado. Nesse enquadramento, o pesquisador aparece como um trabalhador do conhecimento sobrecarregado – confrontado com um volume incontável de informações – e a IA surge como a companheira necessária que restaura a eficiência, a clareza e o controle. O trabalho acadêmico é, portanto, rearticulado como um conjunto de processos a serem acelerados, simplificados e (parcialmente) delegados.

O pesquisador, dentro dessa configuração emergente, não é substituído nem totalmente centrado. Em vez disso, ele é reposicionado. Por um lado, ele é construído como dependente – incapaz de navegar pela complexidade da produção de conhecimento contemporânea sem assistência algorítmica. Por outro lado, ele é reformulado como gerente de fluxos de trabalho, curador de produtos de IA e validador de *insights* gerados por máquina. Esse duplo posicionamento reflete uma mudança epistêmica subjacente: a produção de conhecimento não é mais entendida primariamente como uma prática interpretativa, situada e muitas vezes lenta, mas como um processo que pode ser decomposto, estruturado e otimizado por meios computacionais.

Esses enquadramentos carregam pressupostos éticos e epistêmicos significativos. Primeiro, eles presumem que velocidade e eficiência são qualidades inerentemente desejáveis de pesquisa, muitas vezes sem interrogar o que pode ser perdido em sua busca. Em segundo lugar, privilegiam formas de conhecimento que podem ser facilmente processadas, extraídas e recombinadas, potencialmente marginalizando modos de investigação que dependem de ambiguidade, reflexividade ou profundidade contextual. Terceiro, eles obscurecem a natureza situada e construída dos produtos da IA apresentando-os, em vez disso, como representações confiáveis, abrangentes e implicitamente objetivas do conhecimento. Ao fazê-lo, correm o risco de reforçar as hierarquias epistêmicas existentes e reproduzir padrões dominantes dentro da produção de conhecimento acadêmico. Embora as plataformas frequentemente invoquem acessibilidade e democratização, essa inclusão é desigual, mediada pelo acesso à plataforma, dependência de infraestrutura e alinhamento com os sistemas de conhecimento dominantes.

Entender as plataformas de pesquisa de IA como locais de discurso ideológico, em vez de ferramentas neutras, é, portanto, essencial para ir além do hype nos debates sobre IA na pesquisa educacional. A questão não é apenas se esses sistemas funcionam, mas que tipos de práticas de pesquisa eles tornam desejáveis e, em última instância, normativas. À medida que essas ferramentas se tornam cada vez mais incorporadas aos fluxos de trabalho acadêmicos, elas também moldam como a pesquisa é entendida publicamente: como mais rápida, mais eficiente e cada vez mais automatizada. Essa mudança tem implicações não apenas na forma como a pesquisa é conduzida, mas na forma como ela é valorizada pelas instituições, pelos financiadores e pela sociedade em geral.

Isso levanta uma preocupação fundamental: se essas plataformas se tornarem infraestruturas hegemônicas de produção de conhecimento, que tipos de pesquisa e que conhecimento ficará visível, crível ou mesmo possível? A promessa de eficiência obscurece o fato de que esses sistemas são treinados em conjuntos de dados produzidos historicamente que já refletem epistemologias dominantes, hierarquias linguísticas e desequilíbrios geopolíticos. Como tal, seus produtos não são sínteses neutras de conhecimento, mas reiteraões de estruturas existentes de visibilidade e exclusão, agora aceleradas e naturalizadas através da mediação algorítmica. Aceitar essas ferramentas como companheiras padrão na pesquisa é, portanto, correr o risco de normalizar uma forma de erudição cada vez mais descolada do julgamento crítico e alinhada aos imperativos tecnocapitalistas de otimização, extração e escala. Nesse sentido, as plataformas de pesquisa com IA não apenas apoiam a pesquisa; elas participam da redefinição de seus limites de maneiras que podem, em última instância, restringir, em vez de expandir, as possibilidades de produção de conhecimento.

Referências

ABDUL-JABBAR, W. K.; BHATT, I. Post-authorship and AI-assisted writing: Singularity, communication, and pedagogy in higher education. *Postdigital Science and Education*, [s.l.], v. 7, p. 1136-1149, 2025. DOI: 10.1007/s42438-025-00586-5.

ADEL, A.; ALANI, N. Can generative AI reliably synthesise literature? Exploring hallucination issues in ChatGPT. *AI & Society*, [s.l.], v. 40, p. 6799-6812, 2025. DOI: 10.1007/s00146-025-02406-7.

BAHAMMAM, A. S. Balancing innovation and integrity: The role of AI in research and scientific writing. *Nature and Science of Sleep*, v. 15, p. 1153-1156, 2023. DOI: 10.2147/NSS.S455765.

BALALLE, H.; PANNILAGE, S. Reassessing academic integrity in the age of AI: A systematic literature review on AI and academic integrity. *Social Sciences & Humanities Open*, [s.l.], 11, e101299, 2025. DOI: 10.1016/j.ssaho.2025.101299.

BURROWS, R. Living with the h-index? Metric assemblages in the contemporary academy. *The Sociological Review*, [s.l.], v. 60, n. 2, p. 355-372, 2012, DOI: 10.1111/j.1467-954X.2012.02077.x.

CHRISTOU, P. The use of Artificial Intelligence (AI) in qualitative research for theory development. *The Qualitative Report*, [s.l.], v. 28, n. 9, 2739-2754, 2023. DOI: 10.46743/2160-3715/2023.6536.

CHUBB, J.; COWLING, P.; REED, D. Speeding up to keep up: Exploring the use of AI in the research process. *AI & Society*, [s.l.], v. 37, p. 1439-1457, 2022. DOI: 10.1007/s00146-021-01259-0.

CLARK, D. The construction of legitimacy: A critical discourse analysis of the rhetoric of educational technology in post-pandemic higher education. *Learning, Media and Technology*, [s.l.], v. 49, n. 3, p. 414-427, 2024. DOI: 10.1080/17439884.2022.2163500.

COSTELLO, E.; FERREIRA, G.; HRASTINSKI, S.; MCDONALD, J. K.; TLILI, A.; VELETSIANOS, G.; MARIN, V. I.; HUIJSER, H.; ALTENA, S. Artificial intelligence in educational research and scholarship: Seven framings. *Journal of University Teaching & Learning Practice*, [s.l.], v. 22, n. 3, 2025. DOI: 10.53761/xs5e3834.

CRUZ-AGUILAR, M. A. The epistemic revolution of AI: Reconfiguring the foundations of scientific knowledge. *AI & Society*, [s.l.], v. 41, p. 2041-2057, 2026. DOI: 10.1007/s00146-025-02658-3.

EREN, E. The neoliberal transformation of universities: A critical assessment of academic capitalism, academic autonomy and the production of scientific knowledge. *Journal for Critical Education Policy Studies*, [s.l.], v. 22, n. 3, p. 256-305, 2025. Disponível em: <http://www.jceps.com/archives/17620>. Acesso em: 03 abr. 2026.

FAIRCLOUGH, N. *Critical discourse analysis: The critical study of language*. London: Routledge, 2010. DOI: 10.4324/9781315834368.

FRIESE, S. From coding to conversation: A new methodological framework for AI-assisted qualitative analysis. *Qualitative Inquiry*, [s.l.], jan. 2026. DOI: 10.1177/10778004251412871.

GILBERT, J. Techno-feudalism or platform capitalism? Conceptualising the digital society. *European Journal of Social Theory*, [s.l.], v. 27, n. 4, p. 561-578, 2024. <https://doi.org/10.1177/13684310241276474>

GILL, R. Breaking the silence: The hidden injuries of neo-liberal academia. In: RYAN-FLOOD, R.; GILL, R (eds.). *Secrecy and silence in the research process: feminist reflections*. London: Routledge, 2009. p. 228-244.

HEINSFELD, B. D.; MARONE, V. Reporting or marketing? The discourse on technology in educational landscape reports. *Discover Education*, [s.l.], v. 2, Article 50, 2023. DOI: 10.1007/s44217-023-00075-6.

IDELAND, M.; SERDER, M. Edu-business within the Triple Helix. Value production through assetization of educational research. *Education Inquiry*, [s.l.], v. 14, n. 3, p.336-351, 2023. DOI: 10.1080/20004508.2021.2019375.

- KELLNER, D. *Technology and democracy: Toward a critical theory of digital technologies, technopolitics, and technocapitalism*. [s.l.]: Springer VS, 2023. DOI: 10.1007/978-3-658-31790-4.
- KIM, J.; YU, S.; DETRICK, R.; LI, N. Exploring students' perspectives on generative AI-assisted academic writing. *Education and Information Technologies*, [s.l.], v. 30, n. 1, p. 1265-1300, 2024. DOI: 10.1007/s10639-024-12878-7.
- KUMAR, R.; EATON, S.E.; MINDZAK, M.; MORRISON, R. Academic integrity and artificial intelligence: An overview. In: EATON, S.E. (ed). *Second Handbook of Academic Integrity*. Springer International Handbooks of Education. Cham: Springer, 2024. DOI: 10.1007/978-3-031-54144-5_153.
- MADANCHIAN, M.; TAHERDOOST, H. The impact of artificial intelligence on research efficiency. *Results in Engineering*, [s.l.], v. 26, e104743, 2025. DOI: 10.1016/j.rineng.2025.104743.
- MARONE, V.; HEINSFELD, B. D. "Everyone pursuing their dreams": Google's and Microsoft's discourse on educational technology'. *Computers and Education Open*, [s.l.], v. 4, n. 1, 2023. DOI: 10.1016/j.caeo.2023.100138.
- MULA-FALCÓN, J.; CABALLERO, K. Neoliberalism and its impact on academics: A qualitative review. *Research in Post-Compulsory Education*, [s.l.], v. 27, n. 3, p.373-390, 2022. DOI: 10.1080/13596748.2022.2076053.
- MÜNCH, R. *Academic capitalism: Universities in the global struggle for excellence*. London: Routledge, 2014.
- PAULUS, T. M.; MARONE, V. "In Minutes Instead of Weeks": Discursive Constructions of Generative AI and Qualitative Data Analysis. *Qualitative Inquiry*, [s.l.], v. 31, n. 5, p.395-402, 2025. DOI: 10.1177/10778004241250065.
- PLEASANTS, J. *When Copilot is the data analyst*. Civics of Technology, jan. 2026. Disponível em: <https://www.civicsoftechnology.org/blog/when-copilot-is-the-data-analyst>. Acesso em: 03 abr. 2026.
- SLAUGHTER, S.; RHOADES, G. *Academic capitalism and the new economy: Markets, state, and higher education*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2004.
- SRNICEK, N. *Platform capitalism*. [s.l.]: Polity Press, 2017.
- SUÁREZ-VILLA, L. *Technocapitalism: A critical perspective on technological innovation and corporatism*. Philadelphia: Temple University Press, 2009.
- VELETSIANOS, G. Simple checklists to verify the accuracy of AI-generated research summaries. *TechTrends*, v. 69, n. 1121-1122, 2025. DOI: 10.1007/s11528-025-01127-4.
- WILLIAMSON, B.; MACGILCHRIST, F.; POTTER, J. Re-examining AI, automation and datafication in education. *Learning, Media and Technology*, [s.l.], v. 48, n. 1, p. 1-5, 2023. DOI: 10.1080/17439884.2023.2167830.

ZHANG, Y.; ZHOU, T.; QIAO, H.; LI, T. Ethical issues in AI-generated texts: A systematic review and analysis. *International Journal of Human-Computer Interaction*, v. 42, n. 4, p. 2586–2613, 2026. DOI: 10.1080/10447318.2025.

Tradução: Ananda Missailidis

Original em inglês submetido em: 10/04/2026

Original em inglês aprovado em: 16/05/2026